

O CARÁTER LITÚRGICO DO APOCALIPSE

Mariane Godoi¹
Leonardo dos Santos Silveira²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar o caráter e a importância litúrgica do livro do Apocalipse para a formação da identidade das comunidades cristãs às quais ele foi endereçado. Para isso, o texto reflete sobre a valorização da liturgia como ferramenta para instrução e desenvolvimento das comunidades cristãs, desde seus primórdios, até os dias atuais. O destaque na análise litúrgica do livro de Apocalipse são os capítulos 4 e 5. O método utilizado foi o de pesquisa bibliográfica. Busca-se, por meio deste artigo, contribuir com reflexões sobre o tema para os estudos do Novo Testamento, bem como da Liturgia e do Culto Cristão.

PALAVRAS-CHAVE: Apocalipse, Liturgia, Novo Testamento, Culto Cristão, Hinos.

ABSTRACT

This article aims to analyze the character and liturgical importance of the book of Revelation for the formation of the identity of the Christian communities to which it was addressed. To this end, the text reflects on the appreciation of liturgy as a tool for instruction and development of Christian communities from its beginnings to the present day. The highlights in the liturgical analysis of the book of Revelation are chapters 4 and 5 and the method used was bibliographical research. This article seeks to contribute with reflections on the topic for studies of the New Testament, as well as Liturgy and Christian Worship.

KEYWORDS: Apocalypse, Liturgy, New Testament, Christian Worship, Hymns.

¹ Graduada em Música pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro (FABAT), pós-graduada em Voz Profissional: Abordagem Multidisciplinar pela Unyleia, mestranda em Ensino pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Orientadora educacional na Faculdade Batista do Rio de Janeiro (FABAT).

² Bacharel em Teologia (FAECAD) e em Letras Grego (UFF), Mestre e Doutor em Teologia (Área de concentração: Teologia Bíblica) (PUC-RIO). Professor da Faculdade Batista do Rio de Janeiro (FABAT) e da Faculdade Teológica Batista Equatorial (FATEBE).

INTRODUÇÃO

O livro do Apocalipse é objeto de inúmeras pesquisas, seja pelo viés escatológico, pelo histórico ou mesmo pelo profético do seu texto. Porém, o que será destacado neste artigo é seu caráter litúrgico e a forma como o texto revela a identidade da comunidade cristã por meio de suas palavras, frases e, especialmente, dos hinos transcritos. Mediante essa observação e reflexão será evidenciada a importância das expressões de adoração para a essência da identidade das comunidades cristãs.

1. GÊNERO E LINGUAGEM

O termo grego *Ἀποκάλυψις* significa manifestação da verdade, revelação. Já o verbo *ἀποκαλύπτω* significa revelar, descortinar, trazer à tona algo que se encontra oculto³. Em geral, as obras do gênero apocalíptico tinham como objetivo fortalecer a fé e a esperança daqueles que passavam por momentos de dificuldades e perseguições, para que não desanimassem, pois, o dia do Senhor e do reino de Deus estava se aproximando⁴.

No Novo Testamento, o livro de Apocalipse é a única obra dessa literatura, porém, na tradição judaica é bastante comum, comportando diversas obras como: 1Enoque, Assunção de Moisés, Apocalipse de Abraão, 4Esdras, entre outros. Segundo Collins o gênero apocalíptico se define como:

um gênero de literatura revelatória com estrutura narrativa, no qual a revelação a um receptor humano é mediada por um ser sobrenatural, desvendando uma realidade transcendente que tanto é temporal, na medida em que deslumbra (*Sic*) salvação escatológica, quanto espacial, na medida em que envolve outro mundo, sobrenatural⁵.

O livro do Apocalipse de João é considerado o modelo para a definição do gênero em virtude dos seus primeiros versos (Ap 1.1-3) apresentarem uma estrutura típica: (i) é uma revelação dada por Deus, (ii) utiliza-se de um mediador, (iii) traz uma mensagem a um visionário e, (iv) fala sobre eventos futuros⁶.

A linguagem utilizada parece ser cifrada ou codificada ao leitor de tempos posteriores, mas a seus leitores primários é repleta de referências e pode ser desvendada e esclarecida. A

³ RUSCONI, C. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*. p. 66-67.

⁴ REID, D. G. (Ed.). *Dicionário Teológico do Novo Testamento*. p. 88.

⁵ COLLINS, J. J. *A Imaginação Apocalíptica*, p. 22.

⁶ DE BOER, M. *A influência da Apocalíptica Judaica sobre as Origens Cristãs*. p. 12. O autor cita as conclusões de Paul Hanson.

mensagem diz respeito aos acontecimentos dos tempos presente e futuro e aos destinos do povo de Deus. Por essa razão, o movimento apocalíptico é visto como filho do movimento profético, mas não se restringe a ele.

O texto de apocalipse se utiliza de figuras metafóricas para transmitir sua mensagem. Compreender o uso de tais metáforas é de fundamental importância para a interpretação. Tal linguagem simbólica traz diversos elementos do Antigo Testamento. Certamente, o autor estava familiarizado com o cenário apocalíptico da Bíblia Hebraica.

2. AUTORIA E DATAÇÃO

Também são duas as principais correntes sobre a autoria do Apocalipse. A primeira defende que o João do Apocalipse é o mesmo autor do Quarto Evangelho e das três cartas de João. A evidência interna utilizada para corroborar com essa teoria é a assinatura de João no Apocalipse, o que confirma que este seria o filho de Zebedeu, e sua autoridade como apóstolo já o isentaria de quaisquer outras apresentações adicionais. Conforme Allen, “ele escreveu com a autoridade de um apóstolo, e a referência 21.14 é suficientemente caracterizada para ter sido escrita por um apóstolo”⁷.

A evidência externa provém de influentes nomes dos primeiros séculos que afirmaram a autoria apostólica do livro. Justino Mártir escreveu, antes de 166 d.C., que “João, o apóstolo, profetizou por meio de uma revelação, que mencionou um reinado de mil anos”⁸. Irineu (cerca de 185 d.C.) escreveu que João, o discípulo do Senhor, escreveu o apocalipse. Clemente de Alexandria (215 d.C.) escreveu sobre o apóstolo João em exílio em Patmos. Entre outras autoridades que advogam a autoria apostólica⁹.

A segunda teoria defende que o autor do Apocalipse seria João, o ancião. Esta surgiu a partir da insuficiência do ponto de vista tradicional. Dionísio, bispo de Alexandria, argumentou que o nome “João” era comum entre os seguidores de Jesus e que o autor pode não ter sido o apóstolo, mas qualquer outro João. Ainda se destaca que numa comparação com as demais obras atribuídas ao apóstolo João, o Apocalipse apresenta muitas diferenças de forma e conteúdo¹⁰.

O que é possível inferir a respeito das evidências internas do livro é que: em quatro ocorrências o autor informa seu nome (Ap 1.1,4,9; 22.8), o que sinaliza que a obra não é

⁷ ALLEN, C. J. **Comentário Bíblico Broadman**. Vol. 12. p. 290.

⁸ ALLEN, C. J. **Comentário Bíblico Broadman**. Vol. 12. p. 290.

⁹ CARSON, D. A.; MOO, D. J.; MORRIS, L. **Introdução ao Novo Testamento**. p. 520.

¹⁰ MIRANDA, V. A. **O Caminho do Cordeiro**. p. 16.

pseudônima. João se apresenta como irmão e companheiro dos destinatários da mensagem (Ap 1.9), logo ele seria uma figura conhecida entre sua audiência. Ele parece ser um judeu da Palestina, por conta das menções à Escritura Judaica, seu conhecimento sobre a geografia da Palestina, do Templo de Jerusalém e do culto judaico. É factível pensar que o autor tinha autoridade profética por intitular sua mensagem como profecia (Ap 1.3; 22.7,10,18) e pelo relato de suas experiências ser muito semelhante aos dos grandes profetas da tradição judaica (Is 61-3; Jr 1,4.4; Ez 2.8–3.33). E o autor se descreve como um seguidor de Jesus (Ap 1.9), pelo qual recebeu a revelação mediada por um anjo (Ap 1.1)¹¹.

Com relação à datação do escrito, duas hipóteses principais são levantadas a respeito do tempo de composição de Apocalipse. A primeira seria durante o governo de Nero (54–68 d.C.) e a segunda, por volta do final do reinado de Domiciano (81–96 d.C.). A primeira teoria se baseia na hipótese de que João tenha sobrevivido à perseguição dos cristãos comandada por Nero e nas referências ao templo (Ap 6.9; 11.1,2), que ainda não havia sido destruído, portanto numa data anterior a 70 d.C.

A segunda ideia se apoia nos escritos de Irineu, que destacou, baseado numa citação de Papias, que “o Apocalipse foi visto não há muito tempo, em nossa própria geração, no fim do reinado de Domiciano”¹². Também de Eusébio de Cesareia, que defende que o Apocalipse foi escrito no final do primeiro século: “É tradição afirmar que, neste tempo, o apóstolo e evangelista João, que ainda vivia, foi condenado a habitar a ilha de Patmos por ter dado testemunho do Verbo de Deus”¹³. Ainda outras evidências sobre a origem e conteúdo do livro se encaixam nessa avaliação¹⁴.

3. CONTEXTO HISTÓRICO E CONTEÚDO DO LIVRO

O contexto em que se encontra o texto do Apocalipse, provavelmente é o de um “período de perseguição, sofrimento e perturbações generalizadas contra os cristãos”¹⁵. As igrejas às quais o texto foi escrito situavam-se na região da província da Ásia Romana, onde o culto ao imperador havia sido adotado¹⁶. Para Miranda, essa era a principal crise com o Estado nos tempos de João, pois os que se recusassem a participar do culto ao imperador

¹¹ MIRANDA, V. A. *O Caminho do Cordeiro*. p. 17.

¹² CARSON, D. A.; MOO, D. J.; MORRIS, L. *Introdução ao Novo Testamento*. p. 527.

¹³ EUSÉBIO DE CASAREIA. *História Eclesiástica*. 3.18.

¹⁴ MIRANDA, V. A. *O Caminho do Cordeiro*. p. 15; REID, D. G. (Ed.). *Dicionário Teológico do Novo Testamento*. p. 90.

¹⁵ MAZZAROLO, I. *O Apocalipse*. p. 13.

¹⁶ REID, D. G. (Ed.). *Dicionário Teológico do Novo Testamento*. p. 91.

poderiam ser olhados de maneira suspeita e hostil pela população da época. O culto ao imperador servia como uma maneira de declarar lealdade e gratidão ao governante, mas para João, era onde se “revelava sinal de fidelidade ao adversário do Cordeiro, o grande Dragão”¹⁷. Para Thompson, no entanto, o problema principal girava em torno do relacionamento dos cristãos com os adeptos de seitas tradicionais religiosas¹⁸.

Somadas a esse cenário de pressão ao culto ao imperador e conflitos sociais, havia ainda mais uma camada de desafios para as igrejas que leram os textos do visionário João: parece haver dentro das comunidades, lideranças consideradas como adversárias de Deus e do Cristo exaltado. Ao que parece, havia divergências quanto à forma de conduzir os fiéis em suas relações com esse contexto social mais amplo, e João via que as investidas nessa interação, da forma como eram orientadas por esses líderes, resultava na prática de uma interação social, política e religiosa com o Império. Para João essa acomodação com a realidade vivida era prostituição e idolatria¹⁹.

De acordo com Miranda²⁰, o texto pode ser dividido em três seções: a primeira reservada para as cartas às 7 igrejas (Ap 1. 4-3.22), a segunda retratando a visão de João sobre o trono de Deus e seu culto (Ap 4.1-11.19), e a terceira engloba o dragão, as bestas e o Cordeiro (Ap 12.1- 22.5).

O autor do Apocalipse compreende sua época como aquela que precede o fim, e para isso ele se utiliza de uma narrativa apocalíptica, histórica-cronológica e mitológica. Essa época seria seguida da segunda vinda de Cristo à Terra, do juízo e da instauração do reino de Deus no mundo inteiro.

A representação da luta entre Deus e o Dragão tem seu centro na comunidade cristã, a única, na sua qualidade de novo povo de Deus, que já reconhece o domínio de Deus e de Cristo e que, por meio de toda a sua existência, deve preservar esse reconhecimento. Os sofrimentos dos cristãos têm, portanto, a sua explicação no fato de a comunidade, sendo o “sinal do reino” de Deus no mundo, representar a reivindicação do poder de Deus perante as potências ateias do mesmo mundo. Por outro lado, a comunidade não pode ter certeza da própria salvação, devendo assegurar pela vida, pela prisão, pelo sofrimento e pela morte, a redenção recebida²¹.

No livro do Apocalipse, toda a vida deve ser vivida tendo como esperança a Nova Jerusalém onde Jesus, o Messias crucificado, reina em glória. Para os que ainda estão na Terra, há a expectativa de que a cidade santa deverá, um dia, descer do céu. Porém, enquanto

¹⁷ MIRANDA, V. A. **O Caminho do Cordeiro**. p. 21.

¹⁸ MIRANDA, V. A. **O Caminho do Cordeiro**. p. 21.

¹⁹ MIRANDA, V. A. **O Caminho do Cordeiro**. p. 21.

²⁰ MIRANDA, V. A. **O Caminho do Cordeiro**. p. 22-36.

²¹ SCHREINER, J.; DAUTZENBERG, G. **Forma e Exigências do Novo Testamento**. p. 432.

aguardam este momento, confiar na obra de Jesus e em suas promessas sobre o futuro torna possível já compartilharem, no presente, da adoração do céu. Os que permanecerem fiéis desfrutarão dos resultados da vitória de Cristo. “As visões de João sobre o céu deveriam levar a uma vida de serviço alegre a Deus no presente mesmo aqueles que se sentem sobrecarregados pelos poderes contrários e são perseguidos por sua fé”²².

4. O CULTO E OS CÂNTICOS NAS COMUNIDADES CRISTÃS PRIMITIVAS

A palavra “culto” deriva do latim *colere*, que significa cultivar. Esse termo remete à responsabilidade do agricultor com sua terra e animais. Trata-se de uma relação de dar e receber, “uma relação de dependência mútua, um engajamento vitalício com o cuidado e o atendimento à terra e aos animais”²³. Por trás dessa definição encontramos o conceito de serviço, também identificado no culto cristão como “liturgia”, originado do termo grego *λειτουργία*, junção de *ἔργον* (*trabalho*) *λαός* (*povo*).

Os primeiros cristãos eram judeus convertidos que trouxeram consigo os costumes e liturgia da sinagoga, que tinham basicamente em sua estrutura o entoar dos salmos, as orações e as instruções advindas das escrituras²⁴. Conforme expressa Manson, “os primeiros discípulos eram judeus de nascença e de criação, e era provável, a priori, que trouxessem para a nova comunidade pelo menos alguns dos usos religiosos com os quais estavam acostumados”²⁵.

Entretanto, após a conversão à fé em Jesus Cristo, a mensagem contida nas instruções passou a apontar para o perdão dos pecados e salvação por meio de Jesus, as orações passaram a ser dirigidas a Deus em nome de Jesus, e o entoar canções compreendia os salmos, os hinos e odes (ou cânticos) espirituais²⁶ nos momentos de adoração. O culto ainda era muito semelhante à reunião da sinagoga, mas gradativamente o enfoque cristocêntrico foi sendo valorizado.

Nesse processo, os salmos, hinos e cânticos tiveram grande importância para o ensino das doutrinas sobre Cristo. Os “Salmos” provavelmente eram as canções que seguiam o padrão do Saltério do Antigo Testamento (o livro de Salmos na Bíblia cristã). Os “hinos” seriam composições mais extensas, e há indícios de que exemplos desses hinos podem ser

²² PETERSON, D. *Teologia Bíblica da Adoração*. p. 242.

²³ WHITE, J. F. *Introdução ao Culto Cristão*. p. 20.

²⁴ MARTIN, R. P. *Adoração na Igreja Primitiva*. p. 35.

²⁵ MANSON, T. W. *The Jewish Background*. p. 35.

²⁶ Conforme Efésios 5.19, que diz: “Falando entre vós com salmos, hinos e cânticos espirituais, cantando e louvando ao Senhor no coração”.

identificados no cânon do Novo Testamento. “Odes” ou “cânticos espirituais” relacionam-se a porções de cânticos espontâneos que o Espírito Santo inspirou os cristãos no momento do culto, mas que teriam pouco valor duradouro e seu conteúdo seria rapidamente esquecido²⁷.

Assim, é possível perceber que a prática de cantar era rotineira nas reuniões de adoração cristã, desenvolvendo-se de diversas formas: por meio de salmos, hinos e cânticos espirituais. Diferentes relatos bíblicos mencionam tal prática, bem como orientam aos cristãos para que cantem (Mt 26.30; 1Co 4.26; Ef 5.19; Cl 3.16; Tg 5.13).

Antes mesmo de se organizarem os primeiros tratados teológicos, os cristãos já cantavam sobre Cristo, sua pessoa e obra. “O evangelho da era apostólica não era um teorema teológico, apresentado de modo frio, distante e impessoal”²⁸, mas “a cristologia nasceu na atmosfera da adoração”²⁹. Assim, podemos aprender que o ambiente do culto cristão era o principal ambiente de formação teológica da igreja primitiva e que as canções contribuíram grandemente para fortalecer este ambiente pois, por meio delas, acontecia a propagação das doutrinas e estimulava-se o amadurecimento da fé cristã.

Pode-se destacar que os hinos, presentes desde o nascimento da igreja cristã do primeiro século, são parte integrante da adoração no culto cristão e foram intencionalmente utilizados para contribuir no ensino, compreensão e propagação das doutrinas de Jesus Cristo. Também é notável sua utilização no confronto a heresias presentes entre os cristãos daquele tempo, que prejudicavam o pleno entendimento sobre a pessoa de Cristo e poderiam levar a comportamentos que não correspondiam aos ensinamentos da fé cristã.

5. AS FUNÇÕES DA MÚSICA NA LITURGIA CRISTÃ

Donald Hustad em sua obra “A Música na Igreja”, define a música sacra como uma arte funcional, por funcional podemos entender “didática”. A música “serve aos propósitos de Deus e da igreja, particularmente na expressão coletiva da adoração congregacional, sua comunhão e seu trabalho missionário”³⁰.

A música na igreja executa diversas funções: a primeira é a de proporcionar prazer, pois por meio de uma bela execução e através de ideias fluentes, a música encanta e delicia a congregação. Quando esta função é realizada com sabedoria e equilíbrio, a congregação recebe a mensagem propagada pela letra da música de maneira profunda.

²⁷ MARTIN, R. P. *Adoração na Igreja Primitiva*. p. 63.

²⁸ MARTIN, R. P. *Adoração na Igreja Primitiva*. p. 53.

²⁹ MARTIN, R. P. *Adoração na Igreja Primitiva*. p. 45.

³⁰ HUSTAD, D. P. *Jubilate*. p. 32

A segunda função é expressar as emoções. Isso acontece quando a música se ajusta bem ao texto, ela “dramatiza, explica, sublinha, ‘sopra vida’ nas palavras, resultando em mais significado do que as palavras isoladamente poderiam expressar”. Porém, emoção por emoção não se torna eficaz na transmissão da mensagem; para que a adoração, a comunhão e a evangelização alcancem seus alvos mais elevados, as canções precisamente devem ser escolhidas por razões mais significativas do que apenas a emoção que a música pode proporcionar.

A terceira função é de auxiliar a congregação a portar-se nos diversos momentos do culto. A música quando bem inserida nas diversas partes do culto encoraja certo tipo de atividade nos fiéis, por exemplo, um prelúdio no culto ajuda a congregação a se preparar para a adoração. Sons musicais podem ser utilizados para sinalizar que a congregação fique de pé, se assente ou ore.

Por fim, a quarta função é a de reforço da vida cristã, uma vez que a música sacra pode ser considerada como a declaração mais significativa dos valores da comunidade cristã – uma expressão coletiva de fé. A linguagem simbólica da música dá identidade, intensidade e significado à fé e sua expressão, confirmando suas crenças (teologia) e os alvos (adoração, comunhão e ministério), bem como a identidade (tradições) de cada cultura e subcultura em particular³¹.

A música na igreja tem função de expressão e estímulo à devoção quando cria uma atmosfera religiosa, de emotividades diferentes, que pode variar da introspecção à exaltação, e eleva os sentimentos e o espírito³². Além disso, pode-se destacar o poder de persuasão da música, “pois, um sermão é, em comparação às letras de uma música, facilmente esquecido. (...) É uma arte que, utilizada de maneira apropriada, ajuda essencialmente na liturgia”³³, ou seja, a música na igreja tem uma função didática. Cantar nos proporciona ensinar, aprender e fixar princípios, doutrinas e verdades bíblicas³⁴.

Conclui-se que a música é um recurso de grande importância no ambiente do culto cristão por atingir as esferas emocional e racional do ser humano, sendo capaz de envolvê-lo completamente em seu discurso, possibilitando, assim, a melhor assimilação do seu conteúdo. No contexto do Apocalipse, os hinos e os elementos litúrgicos não apenas cumprem sua função cultural e didática, mas também representam uma definida perspectiva identitária em

³¹ HUSTAD, D. P. **Jubilate**. p. 33-40.

³² FAUSTINI, J. W. **Música e Adoração**. p. 18.

³³ FONSECA, E. J. M. **Liturgia Cristã**. p. 94.

³⁴ SANTOS, L. C. G.; LUZ, W. N. R. **Culto Cristão**. p. 61.

novos encontros de culto³⁵. O culto no Apocalipse funciona como um elemento formador da identidade das comunidades às quais ele é destinado.

6. A LITURGIA DO APOCALIPSE E O CULTO NA SALA DO TRONO (AP 4-5)

O Apocalipse é um livro carregado de elementos litúrgicos e, do Novo Testamento, é o livro que mais contém hinos espalhados por suas páginas. Tal característica merece destaque e reflexão. Por que o autor se utiliza do cenário do culto, nos capítulos 4 e 5, para descrever suas visões? Qual a utilidade de registrar tantos hinos ao longo do texto?

O texto do visionário João conecta-se profundamente com a liturgia das igrejas dos primórdios. “Os elementos litúrgicos dentro do livro são tão numerosos que o tornam uma obra mergulhada na atmosfera cultural. O culto parece ser o contexto vital de onde o livro brota e para onde ele pretende ir”³⁶.

A dimensão cultural do texto revela para os cristãos daquelas comunidades como manifestar ao mundo antigo o advento de um mundo novo: é a comunidade que cultua que atualiza e torna presente ao mundo a vitória do Cordeiro sobre os poderes (Ap 4-5)³⁷. A liturgia e a visão de João constituem uma linguagem que faz uma ruptura, mas assume a história com toda a sua complexidade. “Trata-se de estar no mundo, participando do que não é do mundo, ou seja, da liturgia celeste na adoração do Cordeiro, cuja importância política não deve ser ocultada”³⁸.

O próprio contexto de recebimento das revelações também sugere a íntima relação com o culto, a expressão “dia do Senhor” (Ap 1.10), utilizada por João para o tempo em que ele afirma ter recebido a mensagem pode significar o dia em que as comunidades se reuniam para cultuar³⁹.

Diversos fragmentos litúrgicos podem ser destacados na segunda e terceira seções do Apocalipse (Ap 4.1-22.5):

O tríplice santo (Ap 4.8); as três canções cantadas para Deus ou o Cordeiro, os únicos dignos de serem adorados (Ap 4.11; 5.9-10; 5.12); as três doxologias (Ap 5.13; 7.12; 16. 5-7); os sete hinos de vitória (Ap 7.10; 11.15; 11.17-18; 12.10-12; 15.3-4; 19.1-2; 19.6-8); o hino fúnebre pela queda da Babilônia (Ap 18); uma exortação para louvar a Deus que é, aparentemente, também um hino (Ap 19.5)⁴⁰.

³⁵ MIRANDA, V. A. *O Caminho do Cordeiro*. p. 97.

³⁶ MIRANDA, V. A. *O Caminho do Cordeiro*. p. 81.

³⁷ CUVILLIER, E. *O apocalipse de João*. p. 508.

³⁸ CUVILLIER, E. *O apocalipse de João*. p. 509.

³⁹ CUVILLIER, E. *O apocalipse de João*. p. 508; MIRANDA, V. A. *O Caminho do Cordeiro*. p. 82.

⁴⁰ MIRANDA, V. A. *O Caminho do Cordeiro*. p. 83.

Os hinos e as expressões de culto contidos no Apocalipse retratam a relação do culto terreno com o culto celestial. “Ao descrever o que acontece no céu, o visionário deseja revelar o verdadeiro significado do que acontece na terra em consequência do culto celestial”⁴¹.

A segunda seção do livro do Apocalipse (Ap 4.1-11.19) começa com o momento em que João, acessa, por uma porta aberta no céu, o Templo celestial e vislumbra o trono de Deus, e em torno dele um grande ato litúrgico⁴². Os capítulos 4 e 5 são dedicados a descrever o que acontece neste culto celestial.

Em torno do trono celestial (ou mesmo do Templo celestial), João descreve elementos típicos de uma teofania da Escritura judaica (Is 6.1-4). Como na visão de Isaías, o trono de Deus é o elemento central. Tudo gira em torno dele. Ao redor do trono estão vinte e quatro tronos, nos quais se assentam vinte e quatro anciãos vestidos com roupas brancas, tendo coroas de ouro na cabeça. Ao redor do trono quatro criaturas denominadas Quatro Viventes, onde João combina os seres que sustentam o trono-carruagem de Deus de Ezequiel 1.5 com as figuras de Isaías 6.2. Independentemente da identificação de cada um desses personagens celestiais, o essencial é que todos estão envolvidos em atos litúrgicos. Eles adoram o ancião que se assenta sobre o trono. Os Quatro Viventes, especificamente, têm como missão, sem descanso, dia e noite, expressar adoração (Ap 4.8)⁴³.

No capítulo 5, evidencia-se o esforço do autor para mostrar aos leitores que toda Revelação e toda a Escritura se voltam para o Cordeiro. “O Cordeiro, de pé, veio receber o livro da mão daquele que está sentado no trono (5,7). O Cordeiro recebe do Pai o livro da História e o poder de interpretá-lo”⁴⁴.

E cantavam um cântico novo, dizendo: Tu és digno de tomar o livro e de abrir seus selos, porque foste morto, e com o teu sangue compraste para Deus homens de toda tribo, língua, povo e nação; e os constituíste reino e sacerdotes para nosso Deus; e assim reinarão sobre a terra.

Eles proclamavam em alta voz: O Cordeiro que foi morto é digno de receber o poder, a riqueza, a sabedoria, a força, a honra, a glória e o louvor. [...]. Ao que está assentado no trono e ao Cordeiro sejam o louvor, a honra, a glória e o domínio pelos séculos dos séculos (Ap 5.9-10,12,13b)!

Nos trechos acima, estão contidos traços da tradição dos hinos de louvor. Eles retratam um momento litúrgico e a literatura hínica do Apocalipse. Stadelmann reúne os fragmentos que tratam do criador e redentor. A relação entre os extratos é a glorificação de Deus, “unindo

⁴¹ MIRANDA, V. A. **O Caminho do Cordeiro**. p. 131.

⁴² MIRANDA, V. A. **O Caminho do Cordeiro**. p. 103.

⁴³ MIRANDA, V. A. **O Caminho do Cordeiro**. p. 104.

⁴⁴ MAZZAROLO, I. **O Apocalipse**. p. 46.

os primórdios da história humana com a escatologia e prestando a homenagem de louvor a Deus em reconhecimento pela criação e pelos efeitos da redenção sobre a humanidade”⁴⁵.

Tu és digno, ó Senhor, nosso Deus,
de receber a honra, a glória e o poder,
porque criaste o universo,
e por tua vontade ele existe e foi criado. (4,11)
Tu és digno de tomar o livro e de abrir seus selos,
porque foste imolado e para Deus compraste, com teu sangue,
santos de toda tribo, língua, povo e nação. (5,9)
Deles fizeste para nosso Deus
um reino e sacerdotes
e reinarão sobre a terra. (5,10)
O Cordeiro imolado é digno
de receber poder e riqueza,
sabedoria e força,
honra, glória e louvor. (5,12)

Embora a dimensão litúrgica esteja presente em todo o livro do Apocalipse, os capítulos 4 e 5 é onde ela atinge sua expressão mais perfeita. Em primeiro lugar, o vocabulário é rico em termos de ressonância litúrgica. No que diz respeito aos instrumentos: temos a trombeta (Ap 4.1), que anuncia as sagradas assembleias (Lv 23.24; 25.9; Nm 10.1-10), e a harpa (Ap 5.8), tão frequentemente associada aos salmos e cânticos do Antigo Testamento. Não é estranho saber que os seres viventes e os anciãos vão cantar um “canto novo” (Ap 5.9). A menção às “taças de ouro cheias de incenso” (Ap 5.8) coloca-nos antecipadamente no contexto das liturgias do santuário (Êx 30).

Também encontramos uma gama muito representativa de termos bíblicos relacionados à oração: “cair em êxtase” (Ap 4.2), oferecer “glória, honra e ação de graças” (Ap 4.9), “cair” e “adorar” (Ap 4.10; Ap 5.8,14), “cantar” (Ap 5.9), “as orações dos santos” (Ap 5.8). Ainda encontramos na liturgia doxologias que são ricas em acentos da oração hínica do Antigo Testamento e pontuadas por refrões bem conhecidos da oração dos salmos: “para todo o sempre” (Ap 4.9-10 e 5.13) e “Amém” (Ap 5.14).

Não há dúvidas sobre a origem dessas práticas litúrgicas. Refletem a prática concreta da sinagoga e das jovens Igrejas cristãs. Mas também desempenham o papel de modelos e pretendem dar uma visão completa da oração cristã, que deve afirmar ao mesmo tempo a onipotência e a santidade do Deus criador e a universalidade da salvação oferecida pelo Cordeiro. Assim, Apocalipse 4-5 depende estreitamente de uma liturgia cristã, que por sua vez é diretamente inspirada num modelo judaico⁴⁶.

⁴⁵ STADELMANN, L. I. J. *Hinos Cristãos da Bíblia*. p. 131.

⁴⁶ PRIGENT, P. *La Liturgia en el Apocalipsis*. p. 46.

Estes hinos também apontam para uma questão importante: quem é digno de ser adorado? Provavelmente surgiram no contexto de disputa por adoração. Com estes hinos, o Apocalipse tenta apontar quem é digno de adoração e quem, conseqüentemente, não é. Os hinos atuam indiretamente na formação da identidade da audiência. Ao afirmar que apenas Deus é digno de receber adoração, honra, poder, os seguidores de Jesus afirmam a singularidade da figura divina diante das pretensões imperiais romanas. E, ao afirmar a singularidade de Deus, o hino também reforça a singularidade de seus adoradores⁴⁷.

Por fim, compreendendo o seu lugar enquanto comunidade de “santos” em adoração, os seguidores de Jesus eram levados a preservar suas identidades e manter distância daqueles que não aceitavam o reinado de Deus e do Cordeiro⁴⁸.

CONCLUSÃO

Ao que sua estrutura indica, o texto do Apocalipse foi escrito envolto em uma atmosfera litúrgica. Essa natureza do livro revela que havia uma preocupação em formar a identidade das comunidades que receberiam o texto para ser lido, pois o culto, a liturgia e os cânticos atuam, entre suas múltiplas funções, como uma ferramenta didática, promovendo a propagação dos princípios cristãos e da maneira de se expressar e viver o cristianismo.

O período vivido pelo visionário João e pelas igrejas para as quais ele se remetia o livro era de confronto e perseguição à fé cristã, e é nesse contexto que a experiência do culto é desfrutada como um momento de reforço da identidade e fé da comunidade.

Ainda hoje, faz-se necessária a utilização de tal potencialidade da liturgia cristã. Guardadas as devidas proporções, a igreja cristã contemporânea também enfrenta hostilidades e perseguição. Compreender o papel e o poder do culto, da liturgia e dos cânticos no ensino e reforço das doutrinas bíblicas é fundamental para intensificar de maneira eficiente os princípios bíblicos e doutrinários das comunidades cristãs, a fim de que estejam cada vez mais preparadas para responderem e agirem diante dos desafios impostos pela realidade do tempo presente.

REFERÊNCIAS

ALLEN, C. J. **Comentário Bíblico Broadman**. Vol. 12. Rio de Janeiro: Juerp, 1985.

⁴⁷ MIRANDA, V. A. **O Caminho do Cordeiro**. p. 106.

⁴⁸ MIRANDA, V. A. **O Caminho do Cordeiro**. p. 112.

BÍBLIA. **Almeida Século 21**: Antigo e Novo Testamento. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2013.

CARSON, D. A.; MOO, D. J.; MORRIS, L. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997.

COLLINS, J. J. **A Imaginação Apocalíptica**. São Paulo: Paulus, 2010.

DE BOER, M. A influência da Apocalíptica Judaica sobre as Origens Cristãs. In: NOGUEIRA, P. A. S. **Apocalíptica e as Origens Cristãs**. Revista Semestral de Estudos e Pesquisas em Religião. São Bernardo do Campo: UMESP, 2000. p. 12.

FAUSTINI, J. W. **Música e Adoração**. Imprensa Metodista: São Paulo, 1973.

FONSECA, E. J. M. **Liturgia Cristã**. São Paulo: Fonte Editorial, 2018.

HUSTAD, D. P. **Jubilate**: A Música na Igreja. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1991.

MANSON, T. W. The Jewish Background. In: MICKLEM, N. (Org.). **Christian worship**: Studies in its History and Meaning. Oxford: Clarendon Press, 1963. p. 35.

CUVILLIER, E. O Apocalipse de João. In: MARGUERAT, D. (Org.). **Novo Testamento**: História, Escritura e Teologia. São Paulo: Loyola, 2009. p. 493-516.

MARTIN, R. P. **Adoração na Igreja Primitiva**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1982.

MAZZAROLO, I. **O Apocalipse**: esoterismo, profecia ou resistência? 2. Ed. Rio de Janeiro: Mazzarolo, 2000.

MIRANDA, V. A. **O Caminho do Cordeiro**: Representações e construção de identidade no Apocalipse de João. São Paulo: Paulus, 2011.

PETERSON, D. **Teologia Bíblica da Adoração**: cultuando a Deus como ele orienta e deseja. São Paulo: Vida Nova, 2019.

PRIGENT, P. La Liturgia en el Apocalipsis. In: CAHIERS EVANGILE, E. **El Apocalipsis**. Cuadernos bíblicos 9. Estella (Navarra): Verbo Divino, 1990.

REID, D. G. (Ed.). **Dicionário Teológico do Novo Testamento**: Compêndio dos mais avançados estudos bíblicos da atualidade. São Paulo: Vida Nova, 2012.

RUSCONI, C. **Dicionário do Grego do Novo Testamento**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005.

SANTOS, L. C. G.; LUZ, W. N. R. **Culto Cristão**. Contemplação e Comunhão. JUERP: Rio de Janeiro, 2003.

SCHREINER, J.; DAUTZENBERG, G. **Forma e Exigências do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2008.

STADELMANN, L. I. J. **Hinos Cristãos da Bíblia**. São Paulo: Loyola; Paulinas, 2016.

WHITE, J. F. **Introdução ao Culto Cristão**. São Leopoldo: Sinodal, 1997.